

Um olhar sobre as cidades e a práxis da Pastoral Urbana no contexto pós-moderno

Alexandre Pinheiro Tenório



Leigo, casado, membro da CVX e representante do CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil).

O mundo em transformação

O mundo acelerou o processo de urbanização de maneira contundente nas últimas décadas. Na metade do último século (1950), 29,6% da população global viviam nas cidades¹. Essa proporção foi igualada em 2008 quando 50% dos habitantes do planeta estavam na realidade urbana². A partir daí, os “urbanos” passam a ser maioria e em 2020 já eram 56,2%. O Brasil, por sua vez, teve um dos processos de urbanização mais acelerados do mundo. Em 1950, 36% dos brasileiros estavam vivendo nas cidades e, em 2010, o número chegou a dramáticos 84% de cidadãos urbanos³, em que pese que o próprio conceito do que seja urbano venha sendo relativizado e ampliado. O desafio é que hoje a dita cultura urbana transcende os limites do que chamávamos antigamente de “área urbana”. Hoje também o interior sofre forte influência do estilo de vida das cidades, principalmente através da cultura difundida pela grande mídia e pela Internet. O que acreditávamos que estava limitado às cidades, hoje está espraiado por todos os cantos. Esse choque de realidade não se deu sem traumas no tecido social e a Igreja não passou ileso por esses efeitos, ao contrário, vem sendo afetada de maneira importante.

Não podemos desconsiderar que a Igreja sempre teve uma forte inspiração e vivência rurais, desde épocas anteriores aos tempos feudais, com relevante resistência à atualização contemporânea. O Papa S. João XXIII falava da necessidade de “*aggiornamento*”⁴ da Igreja por ocasião da convocação do Concílio Vaticano II que, por sua vez, acabou por confirmar essa inspiração logo na belíssima abertura da Constituição *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres

1. Cita: GAETE, CONSTANZA MARTÍNEZ. “Mapa da urbanização no mundo entre 1950 e 2030” [Mapas: La urbanización en el mundo entre 1950 y 2030] 09 Mar 2015. ArchDaily Brasil. (Trad. Julia Brant)

2. <<https://www.ecodebate.com.br/2021/01/27/o-mundo-mais-urbanizado-e-as-cidades-virando-saunas/>>

3. Comunicado técnico da EMBRAPA, Identificação, mapeamento e quantificação das áreas urbanas do Brasil, maio de 2017.

4. Expressão que quer dizer “atualização” em italiano. <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilio.html>>

e atribulados, são também alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo⁵. Aqui reside o fundamento do diálogo com o mundo atual. Porém, ainda hoje, há uma idealização e um certo esforço por parte de muitos setores eclesiais em querer usar os paradigmas do mundo rural na realidade urbana, reproduzindo, nas cidades, o jeito de viver a fé no interior das pequenas comunidades rurais e do campo, aprendidos ao longo dos séculos. Durante sua visita ao Rio de Janeiro, Papa Francisco, em um discurso destinado aos bispos latino-americanos, fez um importante alerta sobre essa temática: “Os cenários e areópagos são os mais variados. Por exemplo, em uma mesma cidade, existem vários imaginários coletivos que configuram ‘diferentes cidades’. Se continuarmos apenas com os parâmetros da ‘cultura de sempre’, fundamentalmente uma cultura de base rural, o resultado acabará anulando a força do Espírito Santo”⁶.

Olhando para a realidade das cidades, podemos observar alguns aspectos que impactam em maior ou menor grau a vivência da fé e da espiritualidade e a prática de nossos apostolados. Vamos comentar alguns desses aspectos que entendemos serem mais relevantes, sem ter a pretensão de esgotar o assunto. Não pretendemos também ter um olhar sociológico e acadêmico sobre o tema, tampouco queremos adotar um viés completamente neutro e asséptico. Sempre será um olhar sobre a experiência concreta de um autor urbano. Como propõe o *Documento de Aparecida*, procuraremos ter um olhar de discípulo-missionário, seguindo o conceito fundamental de Aparecida e de Francisco.

Mobilidade

Começemos, então, por uma característica que se destaca por excelência na realidade das metrópoles, que é a da **mobilidade**. Hoje em dia, de maneira mais veloz que em décadas anteriores, as famílias mudam de bairro, de paróquia e vivem em vários espaços simultaneamente. Os fiéis trabalham em uma região, estudam em outra e moram numa terceira. Não poucas vezes, preferem participar da vida comunitária onde há celebrações com horários mais flexíveis com a sua rotina ou escolhem frequentar a paróquia do bairro vizinho porque “gostam mais” ou até mesmo não têm comunidade fixa, encaixando a agenda à medida que a rotina permite. Trata-se de uma realidade mutante, instável e dinâmica, embora muitos pastores

5. <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>

6. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>

e agentes da pastoral ainda resistam. Têm como modelo mental as comunidades de vida local fixas e estáveis, como na primeira metade do século XX. Notadamente, estas podem gerar frutos para uma grande parcela dos fiéis, mas a inflexibilidade para perceber que há outras realidades deixará de acolher uma grande parcela dos cidadãos. A Igreja perde espaço quando alguns entendem que uma mesma paróquia é o único espaço em que podemos viver a fé comunitária, onde deveremos nascer, viver e morrer.

A mobilidade não é apenas espacial e geográfica. Esse dinamismo ocorre também nas relações interpessoais, na cultura, na tecnologia e, por que não dizer, na Igreja. A configuração das famílias, por exemplo, vem mudando. Hoje tem-se menos filhos, muitos lares são liderados e mantidos pelas mulheres, com ou sem companheiros. Cada vez mais são frequentes as “famílias mosaicos”, formadas por filhos de casamentos diferentes dos dois cônjuges que coexistem sob o mesmo teto. Aqui não cabe julgamento, apenas a constatação de que é uma realidade plural com a qual precisamos lidar, inserir e acolher no contexto da pastoral nas cidades. Novamente, se nos fixarmos e nos fecharmos no modelo que muitos consideram como ideal de família, corremos o risco de não acolher uma realidade que muda a todo instante. Desta forma, acolher não significa adotar ou usar como paradigma. Isso importa menos na nossa práxis eclesial, mas sim reconhecer uma dimensão concreta de família composta também por sujeitos eclesiais com a mesma densidade e importância de todos os demais.

O paradoxo da subjetividade

Podemos destacar, ainda, a mobilidade na vida de fé. Aí entramos em outro aspecto da pós-modernidade conexo ao da mobilidade, que é o da **subjetividade**. O liberalismo e sua democracia liberal acentuaram o valor da individualidade. Ao menos no mundo ocidental, o direito às escolhas pessoais é quase um dogma do nosso século. O *eu* está no centro. Se antes a paróquia, a escola e sobretudo a família tinham o papel preponderante na formação dos valores do indivíduo, agora o ego parece ser o rei que dita as regras. Esse império dos ideais liberais e da pessoa como protagonista na escolha do próprio destino — ainda que sejam questionados muitas vezes os condicionamentos dessas escolhas — foram cruciais na criação e consolidação de vários direitos civis importantes para as sociedades.

Valores que existem hoje, como sufrágio universal, direito de escolha, liberdade de expressão, entre outros, que parecem óbvios na atualidade, não existiam ou não eram considerados. O conjunto das individualidades gerou uma pluralidade de características subjetivas, gerando o que chamamos de diversidade, fenômeno típico da cidade e que muito tem contribuído para um enriquecimento dos pontos de vista e das relações interpessoais.

Com efeito, a religião, que antes era adotada na formação da infância, agora é um dos aspectos da escolha do indivíduo. As experiências religiosas únicas que eram mais frequentes nos séculos passados, com sua transmissão hereditária, deixou de ter protagonismo. Agora, mais do que nunca, nascer numa família católica não significa um atestado de que isso não possa mudar. Com essa subjetividade, a mobilidade religiosa tomou contornos mais intensos nas últimas décadas. O fenômeno do crescimento de diversas religiões é uma evidência desse comportamento. Talvez a ilustração mais expressiva tenha sido o crescimento vertiginoso das religiões neopentecostais que tem sido responsável, em certa medida, pela queda percentual de católicos, retirando um certo protagonismo da Igreja no *establishment* cultural religioso das metrópoles. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, segundo o CENSO do IBGE de 2010, o número de católicos era de 50% dos residentes⁷ e estima-se que no próximo censo, já em andamento, serão contados como minoria.

Por outro lado, não podemos deixar de notar que, em alguns casos, o subjetivismo trouxe em si um efeito colateral adverso, que é o do egocentrismo e **isolamento** social. Assim é que algumas pessoas vivem tão mergulhadas na determinação de seus próprios estilos de vida e escolhas, que não conseguem viver uma dimensão mais comunitária ou social. Não deixa de ser uma contradição notar a existência de lugares, como nossas grandes cidades, densamente povoadas e com tantas pessoas isoladas umas das outras. Aglomeradas e distantes ao mesmo tempo. Moramos amontoados em prédios, mas não sabemos o nome do vizinho do lado. A cidade é muitas vezes um grande arquipélago de mentes e corações. Muitos agentes de pastoral reclamam, com razão, das enormes dificuldades que se tem em alguns lugares das cidades em sensibilizar os cristãos a se engajarem na vivência da comunidade. Vivemos, por assim dizer, o paradoxo de uma era da hiperconectividade, com tecnologias de comunicação em rede cada vez mais velozes, enquanto muitos dos seus interlocutores permanecem desconectados da realidade à sua

7. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/23/22107>>

volta. Quase todos os dispositivos que usamos freneticamente hoje são *touch*, táteis. A tela mostra tudo de que precisamos ao alcance da palma da mão com um simples toque dos dedos. Ao mesmo tempo, há um enorme contingente de pessoas que não são tocadas, não são percebidas, parecem invisíveis num deserto de afetos na metrópole. Muito se fala das periferias das cidades, mas aqui cabe observar que nossas metrópoles estão repletas também de periferias existenciais, onde vivem pessoas com carências que as impedem de levar uma vida plena, independentemente do bairro onde moram ou da classe social a que pertençam. Uma realidade existencial que não encontra fronteiras. Papa Francisco dizia que essas periferias existenciais “*estão frequentemente cheias de solidão, tristeza, feridas interiores e perda do gosto pela vida*”⁸.

A COVID-19 escancarou essa realidade de maneira cruel ao forçar um isolamento por razões sanitárias. A tragédia da pandemia ocorreu não somente pelo expressivo número de óbitos, mas também pela piora dos índices de qualidade de vida, como aumento do desemprego, fome e violência doméstica, entre outras mazelas. A pandemia nos defrontou, ainda, com a necessidade de nos adequarmos a um mundo remoto que tivemos de adotar de forma imperiosa e impiedosa, ou seja “na marra”. De uma hora para outra, a maioria de nós, pertencentes em grande parte a uma geração de “migrantes digitais”, teve de aprender a usar a tecnologia para se relacionar. Surge daí um questionamento: se o mundo dos *home offices* e das reuniões remotas por videoconferência, incluindo as reuniões de nossos grupos eclesiais, são vertentes de uma atualização contemporânea inevitável que nos proporciona eficiência e praticidade ou se estamos mergulhando numa era de mais isolamento e mais solidão, nos empurrando cada vez mais às periferias existenciais das nossas relações humanas, da convivência, da vida em comunidade. A alegria do encontro e do abraço serão substituídas por alguns *megabytes* em 5G? Talvez ainda seja cedo para responder, mas não podemos nos furtar a esse discernimento.

A (in)segurança pública

Para reforçar esse fenômeno do isolamento e do “eu me basto”, ainda temos o fenômeno da (in)segurança pública nas grandes e médias cidades brasileiras. As classes mais abastadas vão procurar

8. <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-08/papa-francisco-associacao-lazaro-periferias-solidao-feridas.html>>

se refugiar no universo intramuros dos carros blindados e condomínios fortemente cercados, onde a convivência, seja eclesial ou não, fica do outro lado da ponte movediça do “castelo”. Já nos bairros populares, desprovidos daquela pseudosseguurança das elites, as alternativas de proteção são poucas. Tentam sobreviver, tendo de se desviar das balas perdidas, da truculência e abandono do Estado, do controle paralelo de grupos paramilitares e do assédio de políticos interesseiros. Enquanto nos bairros mais elitizados muitos querem viver apenas no conforto dos seus lares, nas periferias a vida precisa ir sendo ajustada como dá. Com muita frequência, por exemplo, as celebrações noturnas precisam ser canceladas ou antecipadas porque as pessoas temem sair de casa. Algumas vezes não é possível simplesmente acontecer um evento porque está havendo incursão policial ou guerra entre facções rivais com conflito armado pelas ruas da comunidade, onde qualquer um pode ser a próxima vítima. Essa realidade repercute fortemente na vida das comunidades eclesiais e não poderia — nem deveria — passar despercebida em qualquer pretensão de atividade pastoral.

Uma cidade desigual

Cabe ainda destacar outra dimensão da realidade das cidades, talvez a mais tangível de todas, que são as **desigualdades sociais** e suas consequências, entre ricos e pobres, ou melhor, entre ricos e empobrecidos. Atualmente 2.153 bilionários do mundo têm mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas (60% da população mundial)⁹. É dispensável discorrer sobre os inúmeros fatores das causas desse fenômeno, já que há farta bibliografia sobre o tema e sua análise por si só merece uma abordagem à parte. Cabe-nos aqui registrar que os ambientes sociais, seja nos campos e principalmente nas cidades, objeto de nossa reflexão até aqui, estão marcadamente afetados pela desigualdade e injustiça sociais. Nas grandes cidades essa realidade bate à nossa porta todos os dias. Basta olhar em volta. Num primeiro olhar mais objetivo, encontramos uma cisão física nas cidades, já que seus territórios são separados por áreas nobres, centrais e periféricas, onde nestas há precários sistemas de transporte urbano, ausência parcial ou total de serviços públicos básicos e falta de políticas de promoção humana. Em muitas comunidades não existe Estado Democrático de Direito como conhecemos nos

9. <<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>>

ossos livros de sociologia e nem soberania, conceito que muitos dirigentes adoram citar como pecha de orgulho nacional. Em muitas das nossas comunidades carentes existe um estado com leis próprias, com grupos paramilitares armados que regulam oferta e venda de alguns insumos, cobram proteção, exigem silêncio. São cidades inteiras com suas próprias leis dentro de outras cidades. Ali o Estado como conhecemos não está presente. Em alguns lugares, os próprios mecanismos de organização democrática foram cooptados por esse estado paralelo. Num segundo olhar, vemos que mesmo nas áreas mais privilegiadas e centrais, a desigualdade social também expõe sua face desumana. Quem passa de manhã bem cedo pelas ruas ao redor do centro do Rio de Janeiro, por exemplo, pode observar famílias inteiras debaixo dos viadutos e marquises se arrumando para trabalhar. Podia-se pensar que são pessoas sem casa, porém muitas optam por dormir nas áreas centrais durante a semana, mesmo que ao relento, simplesmente porque não têm condições de voltar para seus bairros distantes todos os dias. Estima-se que na cidade de São Paulo, atualmente, cerca de 20 mil pessoas vivam nas ruas, um número que praticamente dobrou após a pandemia, sem contar os 14,4 milhões de desempregados e desalentados, segundo o IBGE, no segundo trimestre de 2022.¹⁰ Podíamos continuar desfilando uma série de dados sociais, mas vamos apenas citar por último a questão da fome, talvez a face mais cruel dessa realidade. Segundo um documento emitido pela FAO, organização da ONU que trata de alimentação e agricultura, mais da metade dos domicílios brasileiros (55,2%) conviviam com algum grau de insegurança alimentar no final de 2020.¹¹ Corroboram esse cenário dados coletados entre novembro de 2021 e abril de 2022 em uma pesquisa sobre segurança alimentar, os quais revelaram que cerca de 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer.¹² Um número escandalosamente alarmante, sobretudo se levarmos em conta ocorrer num país tido como um dos celeiros do mundo. Não é possível pensar qualquer estratégia pastoral ou mesmo ensaiar qualquer movimentação eclesial sem levar em conta de maneira central essa dura realidade.

Pistas de ação

Vimos até aqui alguns aspectos concretos — não todos — da vida urbana que impactam as pessoas. Essa realidade precisa ser

10. <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>

11. <<https://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/>>

12. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). <<https://olheparaafome.com.br/>>

levada em conta em qualquer práxis eclesial. Não é possível evangelizar sem reconhecer esses cenários onde estamos todos inseridos e amalgamados. Procurar supostamente exercer uma atividade pastoral desconsiderando esses e outros elementos do contexto urbano seria não apenas praticar uma pastoral alienada, mas também cínica. Em qualquer atividade apostólica, precisamos olhar para a lógica das cidades e perceber esses parâmetros de mobilidade física e cultural, subjetividade e diversidade, egocentrismo e isolamento, comunicação e distanciamento, segurança e violência, fome e desigualdade. A vida como ela é e que precisa ser restaurada.

Por outro lado, não podemos ficar imobilizados pela análise. É importante ver a realidade, saber onde estamos inseridos, mas sobretudo ter uma atitude de agentes de transformação, fugindo do pessimismo desolador e paralisante. São Paulo nos ensina na Carta aos Romanos que “*onde o pecado se multiplicou, a graça de Deus se multiplicou muito mais*”¹³. Como então levar a boa nova do Reino de Deus nesse contexto das nossas cidades? Da mesma maneira que a primeira parte desse artigo procurou não fazer uma análise acadêmica das cidades, mas sim uma leitura a partir da experiência, do que vemos e tocamos, assim também procuraremos explorar algumas pistas que poderão contribuir humildemente com nossa pastoral urbana.

Sejam os criativos

Podíamos começar por tentar abandonar modelos mentais de comunidades perfeitas, idealizadas e que são frequentemente consideradas como paradigma e modelo únicos de exercer a fé. Ao falar das paróquias, por exemplo, não se pode negar a sua grande importância na vida eclesial das cidades e como têm sido espaços importantes de celebrar o encontro e promover a fé, a esperança e a caridade. O problema reside quando consideramos que elas são o único modo de viver a vida eclesial nas metrópoles. Não são. Para dar conta desse caleidoscópio social que são nossas cidades, precisamos ter liquidez, citando um termo econômico usual. Precisamos ser flexíveis, líquidos e sobretudo **agir com criatividade** na abordagem pastoral. Ao falar de criatividade e de adequação aos sinais dos tempos, podemos considerar diversas orientações da Igreja que apontam nesse sentido, mas citemos apenas duas: o *Documento de*

13. Carta aos Romanos 5,20.

Puebla, que falou de “situações novas que nascem de mudanças socioculturais e exigem uma nova evangelização”¹⁴ e um discurso de São João Paulo II para o CELAM, em que vai cunhar a expressão “Nova Evangelização”, definindo-a como “Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”.¹⁵ Não faltam exemplos desse pastoreio criativo e flexível. Em muitas cidades existem espaços eclesiais dos mais diversos: centros de espiritualidade, casas de formação, centros de acolhida de sem-tetos e populações de rua, ações itinerantes, santuários, colégios... Uma rede dispersa e nem sempre articulada, mas presente qual fermento na massa. Em todos esses espaços, alguns não tão organizados, há muita missão comunitária. Mesmo quando falamos das paróquias no sentido mais tradicional da palavra, temos excelentes exemplos de criatividade. Em várias cidades, temos paróquias nas áreas centrais dedicadas a acolher os transeuntes, por exemplo. Gente que veio ao centro de manhã procurar um emprego, gente que trabalha próximo, gente que está passando. Não por acaso as celebrações nessas igrejas ocorrem na hora do almoço, período em que quem está por perto pode participar. Podemos dizer que muitas dessas paróquias dos Centros das cidades têm como vocação específica acolher quem passa e facilitar o contato com os sacramentos, como Eucaristia e Reconciliação, preciosos tesouros da vida cristã. Padre Vanio da Silva, da Arquidiocese de Florianópolis, em uma fecunda palestra na Diocese de Joinville,¹⁶ partilhou a sua visita à Igreja de Santo Antão, em Madri, na Espanha, exemplo urbano de criatividade e acolhimento. Tudo ali parece diferente. Primeiro, pela proposta de ser uma Igreja 24 horas. Está sempre de portas abertas, todo o tempo. Entra quem quer, sai à hora que quiser. Seu principal apostolado é a acolhida da população mais pobre da capital espanhola, muitos sem-tetos. Mas talvez o que resuma mais o espírito dessa igreja simples e acolhedora seja um aviso na entrada: “**Aqui se pode!**” Dois grandes banners, um de cada lado da porta principal, anunciam o que é permitido no interior da Igreja: entrar com animais de estimação, ver televisão, tomar café da manhã, usar a Internet, necessidades de que muitas vezes quem vive ao relento não tem condições de usufruir. Um cartaz indica, por exemplo, que se pode tomar café mesmo que não se tenha dinheiro e se recomenda que, quem tem, deixe uma contribuição para subsidiar os que não possuem. Uma máquina libera alguns alimentos ao selecionar no display o lanche que se deseja consumir, semelhantes àquelas que existem por aqui, nas quais podemos colocar alguma

14. Documento-Final-Puebla-III-CELAM-1979, n. 363.

15. Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do CELAM Catedral de Porto Príncipe, Haiti. Quarta-feira, 9 de março de 1983.

16. <<https://www.youtube.com/watch?v=tgqHHJfRahc>>

moeda para escolher a bebida. A paróquia espanhola conta ainda com vários serviços especializados voluntários, como serviços de saúde, assessoria jurídica etc.

Não posso deixar de considerar a realidade nem sempre acolhedora das nossas igrejas, onde normalmente prevalece o “Aqui não pode!”. Aqui não pode isto, não pode aquilo. Se alguém vai casar ou batizar o filho, logo surge um emaranhado de protocolos em muitas vias carimbadas, que muitas vezes sobrepõe e antecede a acolhida da Igreja por aquele fiel que tem o desejo do sacramento. Papa Francisco certa vez criticou essa igreja de portas fechadas como executora de um oitavo sacramento: o da “alfândega pastoral”¹⁷.

Na cidade, tudo parece mais difícil, lamentam alguns de nossos pastores e agentes, desconsiderando que para realidades diferentes precisamos de abordagens diferentes. Podemos ilustrar essa situação com a ideia romântica de que o pároco precisa necessariamente viver na mesma comunidade décadas a fio, responsável pelo acompanhamento histórico e amadurecimento espiritual dos fiéis e das famílias daquela comunidade, daquela determinada paróquia. Seria uma testemunha privilegiada dos sacramentos da iniciação cristã dos seus paroquianos, dos seus casamentos, do nascimento dos filhos, entre outros ciclos da vida cristã. Na prática, uma realidade cada vez mais rara e frustrante para alguns líderes religiosos, abarcados pela mobilidade urbana já aqui comentada. Um cisma oculto e inconsciente com a realidade que se impõe.

Comunique-se!

Há, portanto, que evangelizar mantendo a perenidade do conteúdo do Evangelho, mas adequando a forma ao homem e à mulher do nosso tempo. Frequentemente escutamos reclamações de muitos evangelizadores sobre a suposta indiferença da juventude diante da mensagem, esquecendo-se muitas vezes que a forma de comunicação não é mais adequada a esse público. Muitos de nós ainda têm os pés e a cabeça nos anos 1980, quando aprendemos a rezar e evangelizar ou, indo mais longe ainda, estamos arraigados no estilo próprio dos anos da Ação Católica. Em que pese tenham sido ótimas experiências com muitos frutos para a Igreja do Brasil, a verdade é que hoje o homem e a mulher contemporâneos, sobretudo os jovens das cidades, usam uma linguagem diferente, icônica, rápida,

17. <http://www.archivio.radiovaticana.va/storico/2013/05/25/papa_fala_de_um_oitavo_sacramento_alf%C3%A2ndega_pastoral/bra-695396>

genérica e *online*. Os adolescentes de hoje são chamados de **nativos digitais**, pois nasceram numa época em que a comunicação *online* já existia. Transitam pelo virtual com a mesma desenvoltura com que lidamos com o físico, têm acesso instantâneo a vários conteúdos, valorizam a imagem e muitos não ligam muito para a escrita. A jocosa expressão “muito grande para ler, vou esperar virar filme” tem seu fundamento. A maioria desses jovens da geração Z¹⁸ assimilaram muito bem ou pelo menos mais que as gerações anteriores, questões como a diversidade, o trabalho em equipe e o intercâmbio de ideias. Não por acaso há um esforço grande de se ganhar terreno nos meios virtuais para a evangelização, basta uma busca no Youtube, o maior buscador de vídeos do mundo, para se notar a enorme quantidade de canais católicos e evangélicos e a forte presença de *influencers digitais*. No entanto, muitos adultos pertencentes à geração chamada de **migrantes digitais** ainda têm dificuldade de aceitar esse novo jeito de evangelizar e, não raras vezes, na prática da pastoral há ruídos na comunicação por essa diferença intergeracional. Uns falam uma coisa e outros entendem outra. Não dá *match*¹⁹. A verdade, porém, é que essa nova realidade, presente sobretudo nas cidades, impacta o modo como a mensagem de Deus é recepcionada, queiramos ou não. Desconsiderar essa nova realidade eleva o risco de ficarmos falando sozinhos.

Deus na humanidade

Todo esse esforço de adequação aos sujeitos eclesiais urbanos de hoje em dia também deveria levar em consideração a pessoalidade de quem recebe a mensagem de Deus. O perigo de toda abstração intelectual na pastoral é o risco de não levar em conta a pessoa de quem recebe a boa nova do Evangelho. O homem e a mulher ontem, hoje e sempre não são um conceito, uma ideia, algo abstrato. O destinatário da Palavra de Deus não é uma estatística ou um objeto de um plano pastoral, mas alguém, no estrito sentido da palavra. O Evangelho não é destinado a anjos, mas a pessoas de carne e osso com sonhos, desejos, necessidades e conflitos. Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e homem. Andou no nosso chão, riu, chorou, celebrou, foi a festa de casamento e viveu em tudo como um homem, menos no pecado. Assim, um grande desafio da Igreja é se comunicar com as pessoas concretas, indo além das linhas dos documentos

18. Grupo de pessoas nascidas a partir de 1995.

19. Palavra da língua inglesa, com diversos significados, entre os quais “combinar”, “corresponder”, “coincidir”. Usado pelos jovens para dizer que duas pessoas “combinam” ou se “aceitam”, ou seja, “dá liga”.

e constituições apostólicas, mas fazendo-as palavras vivas, “*Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.*”²⁰ Uma Igreja comunitária e pessoal ao mesmo tempo, que considera e chama os destinatários da Palavra pelo nome e não se comunica apenas por documentos, por melhores que sejam. Uma Igreja que é mãe antes de ser administradora. Uma mãe que acolhe, que acalenta, que corrige, que ama. Dessa forma, se as palavras dinamismo e mobilidade ilustram bem um recorte da realidade urbana, uma outra palavra deveria estar na boca e no coração dos agentes de pastoral urbana: acolhimento. Acolher não se confunde com aceitar, concordar ou aderir. Acolher, que vem do latim “*acolligere*”, significa “levar em consideração, receber”. Quem acolhe, reconhece no próximo o rosto de Jesus, sobretudo nos que mais precisam. Não julga, recebe. Não faz imposições, respeita. Ao mesmo tempo, não é permissivo e nem tolerante com o erro e a injustiça, mas reconhece que o caminho da conversão começa enxergando que a realidade existe dentro de um contexto de diversidade e precisa ser considerada com empatia.

Mais urgente

Adequar a linguagem, considerar o próximo como pessoa e não como uma ideia, acolher, usar da criatividade para superar as barreiras, tudo isso é muito bom, mas não podemos esquecer que, embora a Evangelização seja para todos e todas, ela tem seus destinatários prioritários e esses se fazem concretos no rosto e na carne do próximo mais necessitado, que tangencia com a prioridade do “mais urgente” que aparece na espiritualidade inaciana. Papa Francisco nos aponta que “*estas pessoas precisam que partilhemos a sua dor, as suas ânsias, os seus problemas. Precisam que as olhemos com amor; é preciso ir ao encontro delas, como fazia Jesus*”²¹. Na mensagem que Papa Francisco enviou às CVX — Comunidades de Vida Cristã — durante seu 50º aniversário, ensinou que “*só podemos entrar no coração de Deus através das feridas de Cristo, e sabemos que Cristo está ferido nos famintos, nos analfabetos, nos descartados, nos velhos, nos doentes, nos presos, em toda carne humana vulnerável*”²². Em uma das contemplações, Santo Inácio nos propõe nos Exercícios Espirituais ter os olhos da Trindade, mirando a humanidade fragmentada

20. Segunda Carta aos Coríntios, 3,3.

21. Discurso do Papa Francisco aos bispos da conferência episcopal de Moçambique em visita “ad limina apostolorum” no Vaticano. Sábado, 9 de maio de 2015.

22. ASSEMBLEIA MUNDIAL DA CVX, Buenos Aires, julho de 2018.

e dividida pelo pecado.²³ Nesse sentido, a espiritualidade inaciana pode contribuir com um legado importante ao buscar viver essa concretude da fé, frequentemente chamada de espiritualidade encarnada, porém sem se perder e parar na materialidade das circunstâncias. O Jesus que seguimos está ao lado, no próximo que sofre, já que “...quem não ama a seu irmão, a quem vê, não é possível que ame a Deus a quem não vê”²⁴. No entanto, a inacianidade tem uma perspectiva transcendente para além do imanente. Buscando ser contemplativo na ação, o inaciano tem os pés no chão, mas os olhos fixos em Cristo, praticando “**uma mística de olhos abertos**”²⁵. Para Pe. Alfredo Costa, SJ, “*A mística inaciana é uma mística de olhos abertos, de quem encontra Deus e é interpretado por Ele em meio ao sofrimento do mundo*”²⁶.

Para encontrar esse irmão mais necessitado, o discípulo que atua na Pastoral Urbana deve ter uma atitude, um movimento, um dinamismo, um desinstalar-se e se colocar como peregrino para ir ao encontro desse próximo que está em todas as periferias da cidade, geográficas e existenciais. E só conseguiremos nos colocar a caminho, sendo uma Igreja em saída para este encontro com o outro, se abrirmos mão das nossas autorreferências e nossa visão de centro, o que, segundo o Papa, nos levam a “*uma Igreja adoecida pelo conforto de suas próprias obsessões e procedimentos*”²⁷. Lembremos do Jesus peregrino, que pregava em todos os lugares, que tinha compaixão com sua gente e “*não tinha onde recostar a cabeça*”²⁸.

Deus no centro

Assim, a ação da Pastoral Urbana e de qualquer outra necessita ter Jesus Cristo e seu Reino como centro. É Ele quem nos convida e nos envia, nos anima, nos fortalece e nos precede no caminho. Toda mensagem começa e termina em Jesus. Parece óbvio, mas não custa ressaltar que somos discípulos d’Ele e nenhuma estratégia ou ação da Pastoral Urbana tem sentido se não for sacramentalmente ligada à Sua pessoa e Seu anúncio. “*Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.*”²⁹ A nossa própria vida e existência só encontra seu sentido e consolação mais profunda, quando percebemos que nosso fim e meta existencial expressa no Princípio e Fundamento dos Exercícios Espirituais de

23. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*, n. 102.

24. Primeira Carta de São João 4,20.

25. METZ, JOHANN BAPTIST, *Mística de olhos abertos*, São Paulo, Ed. Paulus, 2013.

26. <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/160-cepat/593024-uma-espiritualidade-encarnada-com-os-olhos-fixos-em-jesus-entrevista-com-alfredo-sampaio-costa>>. Sobre o livro: *Encarnados no mundo com os olhos fixos em Jesus*: descobrindo a mística inaciana, Loyola, 2018.

27. Exortação apostólica *Evangelii gaudium* do santo padre Francisco ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, n. 49.

28. Evangelho de São Mateus 8,18-22.

29. Evangelho de São João 15,5.

Santo Inácio de Loyola é *“Louvar, servir e reverenciar a Deus Nosso Senhor e mediante isto salvar a sua alma. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem e para o ajudarem na consecução do fim para o qual é criado”*³⁰. Para vivermos como verdadeiros discípulos-missionários (seguindo o espírito de Aparecida e Francisco, que permeia o texto) para este fim para o qual fomos criados, precisamos contar com a Graça e aprendermos a pedi-la. Nas petições iniciais das orações da espiritualidade inaciana, costumamos pedir humildemente esta graça para que *“todas as minhas intenções, ações e operações sejam puramente ordenadas para serviço e louvor de sua divina majestade”*³¹. No entanto, muitas vezes nos perdemos dessa finalidade no emaranhado das rotinas, procedimentos, distrações, tentações e apegos da nossa vida. Outras vezes caímos na tentação de ideologizar a mensagem evangélica, como alertou Papa Francisco, pois toda hermenêutica do Evangelho só tem sentido quando for Cristocêntrica.

Existem muitos outros aspectos do anúncio do Reino de Deus na realidade das nossas cidades, mas, por ora, podemos concluir deixando claro que a Pastoral Urbana não deveria ser uma a mais no organograma das paróquias ou na lista das diretrizes evangelizadoras. Antes, porém, precisa ser uma dinâmica, um estilo transversal de levar a mensagem de Jesus e deveria estar presente na prática de todos os grupos apostólicos que estão inseridos no meio da pólis, com todas as suas implicações reais, suas condições e manifestações, periferia e centro, cultura e linguagem, diversidade e pluralidade, anonimato e evidência, Deus e homem. Olhar a realidade das metrópoles e atuar sob essa perspectiva em todas as práticas eclesiais, seja em que Missão for. Para finalizar, lembremos de um conselho espiritual traduzido numa frase atribuída a Santo Agostinho e que consta da mística inaciana: *“Reze como se tudo dependesse de Deus, e trabalhe como se tudo dependesse de você”*.

30. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*, n. 23.

31. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*, n. 46.